Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

REDES E AGENTES SUL-AMERICANOS DO SÉCULO XIX PELA NOVA HISTÓRIA DIPLOMÁTICA

Juliana da Silva Sabatinelli[1,2]

PASSETTI, Gabriel (org.). Diplomacias e conexões internacionais: a América do Sul no longo século XIX. Brasília, DF: FUNAG, 2025.

A obra *Diplomacias e conexões internacionais: a América do Sul no longo século XIX*[3], organizada por Gabriel Passetti, reúne um conjunto de estudos voltados à análise das múltiplas formas de atuação diplomática e das conexões internacionais que marcaram a América do Sul durante o século XIX. Fruto do simpósio internacional "Política internacional sul-americana no século XIX", realizado em 2023 pelo Laboratório de História da Política Internacional Sul-Americana (LAHPIS/UFF), o livro se insere na linha de pesquisa da chamada Nova História Diplomática, que procura ampliar a análise considerada tradicional nos estudos diplomáticos, centrada nos Estados e nas elites políticas, incorporando novas metodologias de investigação, outras fontes e atores políticos.

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, Brasil

2 Doutora em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), campus Maracanã, com a tese intitulada "*A agência diplomática do argentino Tomás Guido no Império do Brasil (1841-1850)*". E-mail: juliana.sabatinelli@gmail.com

3 Passetti, 2025.

CC BY

A publicação apresenta um panorama do período compreendido entre as independências latino-americanas e a década de 1920, recorte temporal que é identificado como o "longo século XIX" pelo organizador. Nesse intervalo, a América do Sul foi palco de lutas por soberania, redefinições territoriais, construção de identidades nacionais e inserção no cenário internacional. O livro destaca que a política sul-americana contou com homens enviados pelo Estado para a condução da diplomacia entre os países vizinhos, mas incluiu intelectuais, cientistas, mulheres, elites econômicas, jornalistas e agentes informais que também influenciaram as relações externas e internas dos Estados em formação.

Separada em três blocos temáticos, a obra faz um convite à reflexão sobre as várias camadas de interações políticas, culturais e econômicas que marcaram as relações exteriores sul-americanas no século XIX. Ao enfatizar o diálogo entre diferentes escalas — do local ao regional e daí, ao global —, o livro provoca outras indagações sobre os limites e as possibilidades do campo de pesquisa. Além disso, procura diminuir o espaço de atuação entre as Relações Internacionais e a História, permitindo o cruzamento de métodos, fontes, perspectivas, conceitos e temas que aumentam as possibilidades de ação e interação entre essas e outras ciências amigas. Essa estrutura permite ao leitor compreender os aspectos metodológicos e teóricos da Nova História Diplomática e os exemplos que ilustram a complexidade das relações internacionais no período.

Assim, o texto de Daniel Rei Coronato, intitulado "O espaço provincial e a política externa no Brasil Império: metodologia e fontes", disposto no primeiro bloco de textos ("Política internacional sul-americana") dialoga com a proposta de José Augusto Ribas Miranda ao longo do trabalho "'Les affaires c'est l'argent des autres'. Fraude financeira, dívida subnacional brasileira e o empréstimo de Alagoas de 1906", presente no terceiro bloco ("Empresas, finanças e política na América do Sul"). Enquanto Coronato chama a atenção para as histórias provinciais brasileiras na formação do Estado imperial e a relevância das pesquisas nesse ramo para aumentar as noções de fronteiras na ação diplomática do país por meio dos presidentes das províncias, bem como dos poderes locais, Miranda ressalta as conexões entre economia local, finanças globais e diplomacia, destacando a vulnerabilidade das lideranças provinciais diante das

CC BY

exigências do capital internacional e mostrando como províncias e estados buscavam financiamento externo, por meio de esquemas fraudulentos e redes familiares. Esses trabalhos fortalecem o valor da história provincial na agenda diplomática nacional, tanto pelos interesses das famílias e oligarquias locais quanto pelo encontro destes na ingerência econômica e política como um todo.

Nesse caminho de análise da ação local em relação ao nacional, Carlos Gabriel Guimarães coloca em foco a economia política no entendimento das relações exteriores no capítulo "A presença inglesa no comércio brasileiro do século XIX: os convênios de 1851 e 1852 e o conflito entre ingleses e nacionais", também no terceiro bloco ("Empresas, finanças e política na América do Sul"). Ao examinar os interesses comerciais britânicos no Brasil, o autor mostra como as companhias inglesas, o consulado britânico e os comerciantes locais entraram em choque, apontando disputas entre elites econômicas provinciais e estrangeiras em um mercado em expansão. Utilizando-se do debate entre os periódicos *Correio Mercantil*, de perfil liberal, e o *Jornal do Commercio*, ligado ao partido conservador, Guimarães destaca que a imprensa colocava os problemas entre as empresas britânicas nos espaços públicos da capital e de outras praças, como em Salvador.

O espaço público como local de produção intelectual é cenário para as reflexões teórico-metodológicas sobre as redes de sociabilidade entre Bartolomé Mitre (Argentina), Andrés Lamas (Uruguai) e José Maria da Silva Paranhos (Brasil). O capítulo escrito por Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva mostra como a circulação de ideias, a produção cultural e os projetos políticos estavam interligados às práticas diplomáticas e como a ação dos intelectuais tinha a intenção de alcançar seus pares, envolvendo amizades e objetivos comuns, rivalidades e disputas. A autora entende que a análise de trajetórias individuais conectadas se dá a partir de interesses e locais de sociabilidade e, por isso, coloca o trio de intelectuais em perspectiva, explorando-os por meio das correspondências, livros e catálogos trocados, bem como do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), importante local de sociabilidade, no século XIX, para o Brasil e para a região do Prata. Esse debate se apresenta no segundo bloco temático do livro ("Diplomatas e agentes da política internacional sul-americana"), no capítulo intitulado "Diplomacia, história, diálogos

CC BY

Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

intelectuais e sociabilidades: reflexões e possibilidades de pesquisa a partir da relação entre Mitre, Lamas e Paranhos no Oitocentos".

A sociabilidade segue como tema neste bloco com o trabalho do organizador do livro, Gabriel Passetti, e o da historiadora argentina Paula Bruno, sobre outras formas de entender e perceber as redes políticas, íntimas e sociais como formas de movimentação diplomática. Paula Bruno destaca, no capítulo "Mulheres e vida diplomática: balanço, possibilidades metodológicas e propostas", a participação feminina nos estudos de diplomacia, valorizando figuras anteriormente consideradas de segundo nível ou "figurantes" no cenário internacional. A autora faz um balanço dos principais temas presentes no campo da Nova História Diplomática e se preocupa em pensar a ação das mulheres como arquitetas e mantenedoras de redes de sociabilidade, personagens que Paula Bruno chama de "embaixadoras culturais". Com essa expressão, a autora reflete sobre as atividades dessas mulheres em cenários nos quais as distinções "oficiais e não oficiais" e "formais ou informais" eram mais leves, pois elas se tornaram articuladoras políticas em territórios distantes com sua presença e suas ações que, às vezes, estavam em sintonia com as propostas do Estado e, em outras, respondiam às contingências.

Pensando na atuação diplomática para além da oficialidade, Passetti analisa como a diplomacia imperial era atravessada por relações pessoais e estratégias de ascensão burocrática, indicando a presença de um grupo homogêneo em termos de classe e cultura, mas heterogêneo nas experiências e inserções. O organizador da coletânea e autor do capítulo "Os diplomatas do Império nas Américas na segunda metade do século XIX: trajetórias, sociabilidade e redes pessoais e familiares", também presente no segundo bloco temático ("Diplomatas e agentes da política internacional sul-americana"), destaca as críticas da imprensa e de outros grupos diplomáticos que os representantes do Império do Brasil recebiam estando em países sul-americanos, sobretudo pelo modelo político adotado e pela escravidão negra presente no país, e a maneira como a gestão do ministro Paulino Soares de Souza, entre as décadas de 1840 e 1850, permitiu uma padronização do serviço diplomático brasileiro. Ao viverem tanto tempo fora do Brasil, os registros desses diplomatas revelam suas vidas íntimas, como amizades, relações com as elites locais e tramas de afinidade, construindo novas teias diplomáticas.

Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

A agência de diplomatas brasileiros em torno de assuntos relacionados à América do Sul também é explorada no capítulo "Uma diplomacia continental para a independência americana: as primeiras aproximações colombiano-brasileiras em Londres, 1822-1823", apresentado no primeiro bloco temático da obra ("Política internacional sul-americana"). Daniel Emilio Rojas analisa a atuação de figuras como Francisco Antonio Zea, José Rafael Revenga, Felisberto Caldeira Brant e Hipólito José da Costa nas negociações em Londres, para além das fronteiras sul-americanas. Rojas mostra como as trajetórias individuais desses diplomatas e intelectuais foram fundamentais para a construção de pontes entre os Estados em formação e para a inserção da América do Sul no cenário internacional, e ressalta as dificuldades presentes nesse processo, como disputas de prestígio, embates ideológicos e limitações impostas pelas potências europeias. O autor pesquisa o início da década de 1820, quando Dom Pedro I procurou conceber uma diplomacia continental da independência, baseada no estabelecimento de alianças políticas e militares entre os governos sul-americanos para defender suas soberanias. Essa diplomacia se expressou na execução de estratégias para enfrentar a ameaça do que o autor chamou de "contrarrevolução americana e europeia", mostrando que, diante das incertezas sobre a obtenção dos reconhecimentos de alguns países europeus, os novos países tinham consciência da necessidade de reforçar a legitimidade dos Estados sul-americanos.

A união de países latino-americanos em torno da diplomacia também aparece no texto de João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, no segundo bloco ("Diplomatas e agentes da política internacional sul-americana"). O capítulo "Os congressos científicos e médicos latino-americanos e as origens da diplomacia cultural na América do Sul" evidencia a pluralidade de experiências diplomáticas ao discutir a relevância dos congressos científicos e médicos, apontando-os como embriões do que Rodrigues denomina de "cultura diplomática". Realizados nas últimas décadas do século XIX, esses encontros reuniram médicos, cientistas e intelectuais e serviram como espaços de troca e de construção de redes que articulavam ciência, modernidade e prestígio internacional. A análise mostra que os governos nacionais reconheceram a importância dessas iniciativas, entendendo que a participação nos eventos contribuía para inserir seus países em circuitos regionais e internacionais. O autor destaca

Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

como esses congressos ajudaram a criar um sentimento de identificação latino-americana, no qual a cooperação diplomática se entrelaçava com o avanço científico, contribuindo para a consolidação da imagem de uma América do Sul moderna, civilizada e capaz de dialogar com outras regiões do mundo.

A obra é uma contribuição significativa para a renovação da História Diplomática Sul-Americana. Seus pontos fortes são: a) a diversidade de objetos e enfoques, ao reunir pesquisadores do Brasil, da Argentina, do Chile e da França; b) a valorização de outras fontes históricas de igual importância, para além dos documentos oficiais, como diários pessoais e registros bancários; c) a densidade da análise histórico-diplomática, que permite compreender como diferentes escalas de poder (local, nacional e internacional) se cruzavam nas práticas diplomáticas; e d) a reafirmação do protagonismo da América do Sul no século XIX, período comumente analisado sob a ótica eurocêntrica, mostrando por várias perspectivas um continente ativo e integrado.

Vale destacar que a Nova História Diplomática pretende se aproximar de outros grupos sociais historicamente marginalizados, como trabalhadores, soldados, indígenas e populações negras. Esses protagonistas têm sido investigados em pesquisas recentes, que procuram construir novos olhares sobre as experiências históricas, deslocando o foco das elites políticas e intelectuais. A ideia é entender como diferentes sujeitos também desempenharam papéis relevantes nas dinâmicas internacionais e nas práticas diplomáticas, ainda que de forma indireta ou não oficial, e por meio de outras expressões, como a oralidade e o contato cultural[4].

No caso da obra organizada por Passetti[5], observa-se que, em virtude das fontes mobilizadas — ligadas a setores letrados e à imprensa do século XIX —, há maior ênfase nos agentes elitizados. Contudo, esse limite deve ser visto como um ponto de partida. O recorte temporal do século XIX e as próprias condições documentais explicam essa predominância,

4 Stephanson, 1998; Calao Vila, 2018; Palacios, 2017.

5 Passetti, 2025.

Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

ao mesmo tempo que reforçam a necessidade de alargar o escopo das pesquisas. Dessa forma, abrem-se caminhos para investigações que dialoguem com outras formas possíveis de diplomacia, incorporando olhares vindos da História Social, da Antropologia, da Ciência Política e da Sociologia, ampliando as perspectivas de análise.

A análise desenvolvida nesta resenha buscou ir além da descrição dos capítulos, evidenciando os pontos de contato entre os trabalhos: o esforço crítico de relacionar os capítulos permitiu destacar a maneira como eles contribuem, em conjunto, para ampliar o horizonte de compreensão das relações internacionais sul-americanas no século XIX. A diversidade da coletânea reforça a ideia de que a diplomacia estava presente no cotidiano de diferentes grupos sociais e institucionais.

Afirma-se que o livro se consolida como uma leitura importante para pesquisadores de História e Relações Internacionais e para os que estão interessados em articular temáticas no encontro dessas ciências, servindo como um material relevante para compreender as dimensões da diplomacia no século XIX. Seguindo o intuito principal do livro, a resenha procurou demonstrar como a obra se configura como um espaço fértil de diálogo, abrindo possibilidades de pesquisa e debate sobre a inserção da América do Sul no cenário internacional, fomentando indagações e reflexões críticas.

Bibliografia

CAGIAO VILA, Pilar (ed.). Donde la política no alcanza. El reto de diplomáticos, cónsules y agentes culturales en la renovación de las relaciones entre España y América, 1880-1939. Madrid: Iberoamericana-vervuert, 2018.

MÖSSLANG, Markus; RIOTTE, Torsten (ed.). The Diplomats' World: a cultural history of diplomacy, 1815-1914. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PALACIOS, Guillermo (org.). Ensayos sobre la nueva historia política de América Latina. México: El Colégio del México, Centro de Estudios Historicos, 2007.

PASSETTI, Gabriel (org.). Diplomacias e conexões internacionais: a América do Sul no longo século XIX. Brasília, DF: FUNAG, 2025.

STEPHANSON, Anders. Commentary: diplomatic history in the expanded field. Diplomatic History, v. 22, n. 4, p. 595-603, 1998.

Almanack, Guarulhos, v. 40, er21165, 2026
http://doi.org/10.1590/2236-463340er21165

Recebido em: 22/09/2025 - Aprovado em: 18/02/2026
Editoras responsáveis
Kelly Eleutério Machado Oliveira
Pérola Maria Goldfeder Borges de Castro

Disponibilidade de dados

Os dados e demais informações obtidas para o presente estudo estão no próprio texto.